

JAIMÉ SALAZAR SAMPAIO

A ESCOLHA  
ACERTADA  
e outros escritos

JAI ME SALAZAR SAMPAIO



Préface

# A ESCOLHA ACERTADA

e outros escritos



2000

## Prefácio

por

**Maria Helena Serôdio**

Adivinha-se em Jaime Salazar Sampaio, na sua considerável disponibilidade intelectual e na atenta solicitude com que trata figuras da vida e da ficção, o perfil do dramaturgo atreito a ser assediado.

Mas parece conformar-se com esse destino: o de ser importunado por personagens – duas ou três, como ele diz – que de tempos a tempos o visitam, mudando apenas de nome (e às vezes nem isso...), e com quem vai, de braço dado e em conversa informal, pelas peças fora. E parece conformar-se também a ser perseguido por temas que «existem no ar» e que se misturam com os que já ocupavam «o sangue e o desejo» do dramaturgo.

Estas são algumas das revelações que o autor faz nos “Escritos” que aqui surgem coligidos e que nos dão conta de um criador que conhece bem as potencialidades e exigências da escrita para teatro, que elabora, com ligeireza apenas aparente, uma fina argumentação contra o naturalismo, que mobiliza uma inigualável ironia (tolerante e bem disposta) para falar de situações de crise ou conflito, que obstinadamente define um preciso e singular campo de actuação ficcional para o seu teatro.

Encontramos, porém, nestes Escritos, não apenas interessantes considerações teóricas sobre o teatro em geral e sobre a sua específica forma de construção dramática, mas também apontamentos sobre a vida, o sonho e a arte, observações muito lúcidas e pertinentes sobre a prática da tradução em teatro e sobre o «teatro infantil», além de importantes notas de trabalho sobre a peça que é o “corpo maior” deste volume.

De alguns dos sentidos para que abre esta peça fala-nos o Autor, outros imaginará o leitor/ espectador. Porque a ambiguidade se insinua, afinal, nos planos vários da sua construção: diferentes são as escolhas sugeridas como «acertadas» (poderá ser uma escolha de vestidos, de relações de amor, de acções), várias são as explicações insinuadas (para cada acção, para a situação em geral), diversos são os juízos sobre esta «personagem/ mulher sem qualidades».

Talvez que ela, na irritação que pode provocar, nos incite a pensar numa temática que não deixa de «existir no ar» e que difusamente se introduz quase obsessivamente na dramaturgia de JSS: a solidão. Aqui surge mesmo numa irónica declaração da protagonista: «Mas até na solidão uma pessoa precisa de boa companhia».

Poderá o Autor dizer-nos, para nos consolar, que «a solidão ... é só um nome como qualquer outro», mas não deixa de ser um espectro temível que esta peça, pela voz da condenável Sr.<sup>a</sup> Conceição, convoca em cena. Com a «secura» de uma escrita que premeditadamente desinquieta.